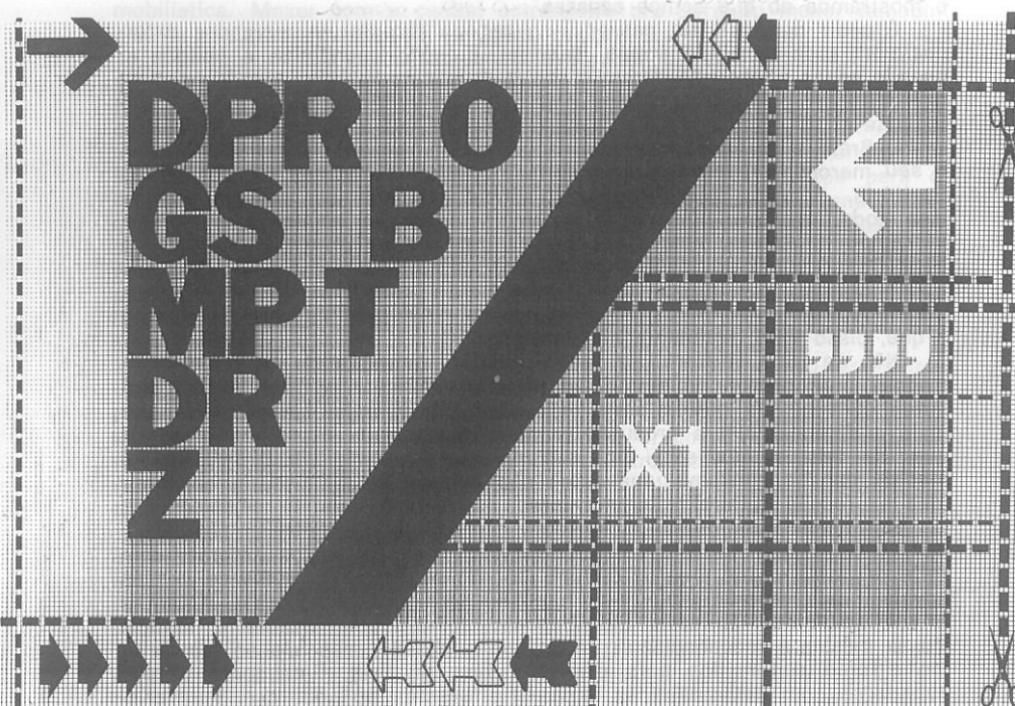


A teologia ganha espaço na comunicação

Leonardo Boff



Ganhando cada vez mais espaço nos Meios de Comunicação, a Teologia da Libertação ainda não encontrou uma forma de tratar os MC. Nesta entrevista, Leonardo Boff diz o que pensa.

CELSO: Nos últimos meses, a Teologia da Libertação vem ganhando espaço nos jornais e nos meios de comunicação em geral, mas apesar disso existem críticas que teóricos da comunicação vêm fazendo à Teologia da Libertação que falam da ausência, em sua teoria, do tratamento à comunicação. Frei Leonardo, como o senhor encara essa colocação?

BOFF — Eu penso fundamentalmente, que não há um tratamento específico feito pelos teóricos da Teologia da Libertação acerca da comunicação. O que eu vejo, sim, a comunicação a nível popular, dos grupos das comunidades, dos grupos de reflexão bíblica, enfim aqueles grupos com os quais os teólogos têm contato e promovem uma reflexão na linha da libertação, nesses grupos há toda uma ampla comunicação nova, libertária, democrática, criativa. Portanto, por isso não se faz uma reflexão específica, porque a teologia se ocupou de questões mais fundamentais a nível de povo, a nível econômico, de libertação da fome, do desemprego, dos direitos fundamentais da vida. Mas eu penso que essa questão é importante, deverá ser tratada por pessoas que saibam articular bem o discurso da comunicação e o discurso da fé.

FADUL — Eu queria perguntar prá você como é que você encarou essa veiculação da Teologia da Libertação pelos Meios de Comunicação de Massa. De certa forma, a posição da Igreja, com relação aos MCM, principalmente depois de Puebla, é uma posição um pouco maniqueísta. Os meios de massa representam a dominação, a veiculação da ideologia da classe dominante e os meios ditos grupais representariam, ao contrário, uma forma de comunicação que brotaria do povo. Como é que o senhor vê essa veiculação de seu discurso por um meio de massa tão importante como foi a TV Globo, no Brasil?

BOFF: Eu penso que esse tema da libertação é um tema que é mais forte que a ideologia dominante. Os níveis da dominação, da desestruturação da vida, são tão clamorosos que eles por si só são um evento da comunicação. Ocorre que a Teologia, nos últimos vinte anos, e a Igreja, elaboraram todo um discurso sobre essa temática, que foi um discurso polêmico dentro da Igreja e na sociedade. Dentro da Igreja porque obriga a própria Igreja a mudar sua forma de poder, de participação. Ao nível da sociedade, porque a Teologia da Libertação postula uma sociedade alternativa, uma democracia fundamental, coisa que é negada pelo atual sistema. Então, esse tema é de interesse mais global. Eu, pessoalmente, entendi isso como uma forma de veicular um grande tema, que é polêmico, que interessa desde o intelectual até a grande massa que se sente oprimida e elabora sua consciência. Por detrás há interesses de ordem econômica e eu tentei articular isso no interesse da própria libertação dos oprimidos e dessa teologia que, como nunca, conseguiu uma audiência, uma difusão, que jamais conseguiria por seus meios próprios e internos de Igreja.

FADUL — Existe aí uma certa contradição, Leonardo, porque a teologia sempre teve trânsito entre meios eclesiais, entre círculos de cristãos, através de livros. O livro foi o meio tradicional que a teologia encontrou. De certa forma aquilo que emancipa, que seria a palavra impressa, sempre se associa a palavra à emancipação e a imagem à manipulação. De repente, aquilo que, de certa forma, é o discurso da Igreja, essa recusa da imagem, se volta contra esse próprio discurso. Ou seja, a popularização da

Teologia, da temática da libertação vem exatamente através dos meios de massa. Essa me pareceu uma contradição que precisaria ser efetivamente pensada: porque o espaço dado pelos meios à Teologia da Libertação, por que o espaço dado à sua ida à Roma? Os meios, de certa forma visam o lucro. É uma indústria. A indústria cultural é movida pelo lucro. Então, os setores progressistas sempre denunciaram isso — o mal da indústria cultural é que ela visa o lucro. Uma questão que eu levanto prá você é que o conteúdo oposicional também dá lucro. Como é que você, a Igreja, pode conviver com essa questão a uma ênfase, talvez excessiva, nos meios grupais, voltando às costas prá essa grande contradição que aparece nos meios de comunicação?

BOFF — Eu penso que essa questão dá lucro para os dois lados. Dá lucro para o sistema, lucro financeiro, de audiência e dá lucro para a Igreja e para os grupos interessados na libertação, na medida em que aí se abre uma brecha. Esta brecha é aproveitada e se lança uma mensagem que é contraditória ao sistema, porque se quer reforçar o pólo mais fraco do sistema e o pólo que é crítico ao sistema e quer ser também uma alternativa ao sistema. Então eu penso que a atitude de segmentos da Igreja não podem ser maniqueístas face aos meios de comunicação. Tem que entender a mecânica interna, é um meio contraditório, como o Estado é contraditório, como a própria Igreja é contraditória. Tem que se estar atento para aproveitar essas brechas, no sentido de manter essa brecha aberta, moderar um pouco o discurso para não ser totalmente tolhido e pode dizer a sua mensagem que atinge, especialmente, àqueles mais interessados que são as imensas majorias que estão buscando liberdade, pão e vida.

FADUL — Eu acho que essa pergunta que foi feita inicialmente prá você sobre uma certa insuficiência do debate sobre a comunicação no domínio da Teologia da Libertação precisaria ser ampliada no sentido de colocar que essa demonização que nós temos feito, eu, inclusive. Acho que estes setores progressistas da intelectualidade brasileira realmente identificam os meios de comunicação de massa com a dominação. É como se a dominação nascesse a partir da Rede Globo. A dominação não nasce na Rede Globo. Ela começa na fábrica, na escola, na família, no escritório, os meios vêm reforçar um processo de dominação existente. Então, essa demonização dos meios de comunicação é o discurso dominante. Não somente da Igreja, como também desses setores progressistas. O que eu te pergunto é o seguinte: como a gente pode trabalhar para a superação dessa importação de modelo teórico. Nós estamos aplicando, no Brasil de 1980, modelos teóricos que foram formulados nas décadas de 30, de 40, pela escola de Frankfurt, tendo em vista uma situação específica, no caso a Alemanha da ascensão do nazismo e depois quando esses alemães se exilam nos Estados Unidos, a questão da indústria cultural. Década de 40 nos Estados Unidos e do surgimento de uma indústria cultural, cinema, rádio, e assim por diante. Eu te pergunto: será que nós não somos também dependentes, e esse é um tipo de dependência muito perigosa, porque é uma dependência teórica, de modelos importados. Nesse congresso, eu ouvi já exposições baseadas exclusivamente nessa categoria da manipulação exercida pelos meios de comunicação de massa. A pergunta é essa: como a gente trabalha essa questão da importação de modelos teóricos?

“Eu penso fundamentalmente que não há tratamento específico feito pelos teóricos da Teologia da Libertação acerca dos meios de comunicação.”

BOFF — Inicialmente há uma carência de análise. Isto é, se fica mais preso aos referenciais importados do que ao acesso à realidade e procurar ser criativo, desvendar os mecanismos de funcionamento. Passando por esse caminho de análise, a pessoa se dá conta de que a dominação e a manipulação nunca são completas. Há sempre brechas, há sempre resistência, há sempre também a identidade do povo que permanece apesar de todo o esforço secular de desestruturação. Eu acho que devemos ver a realidade com dois olhos. Com o olho da classe dominante, que dispõe desses meios para veicular sua dominação, introjetá-la dentro do povo. E também com o olho do povo, como ele resiste, como ele elabora sua cultura do silêncio, a sua forma de ver dentro da cultura dominante a sua própria identidade. Eu penso que é um desafio para os estudiosos latino-americanos como para nós, teólogos, foi um desafio de criar categorias teológicas adequadas à nossa realidade, autóctones, que não se inspiram simplesmente de modelos exteriores. Se deixa, ensinar, sim, pela grande tradição teológica também atual hoje da teologia norte-americana e européia, mas, fundamentalmente, faz uma filtragem a partir da experiência da realidade que é uma experiência sofrida e a partir daí, elaborar o pensamento, que não será arquetônico, será claudicante, mas será nosso e mordente, em cima da nossa realidade.

FADUL — Uma coisa que me interessa muito, enquanto pessoa interessada numa teoria crítica da comunicação, é o percurso que a Teologia da Libertação fez na América Latina. Eu me lembro de várias posições suas e de outros teólogos, onde se mostra que esta teologia não se constrói em função da discussão de obras teológicas. Ela não é um discurso com textos, mas é um discurso construído a partir de práticas concretas. Em suma, ela nasce em função de uma história de um Continente oprimido. Será que não está havendo uma certa defasagem entre esse trabalho que a Teologia da Libertação fez, na área da História, da Economia, da Política, enfim, ao pensar práticas religiosas na América Latina e questão da cultura. Eu sinto um pouco, no domínio da cultura, uma certa importação de modelos teóricos. A cultura deve ser pensada a partir de um outro lugar social e não a partir da cultura letrada. Eu acho que a Igreja, na medida em que é uma das mais antigas instituições tem valores que são da cultura letrada. Na medida em que tem esses valores encara com muita desconfiança outros valores, uma cultura veiculada através das imagens e assim por diante. Então, eu acho muito difícil trabalhar na área da cultura. O grande desafio é a gente conseguir trabalhar nesse mundo de valores, porque inclui uma dimensão que diz respeito à essência da vida humana. Eu acho que quando você fala de vida, de sentimentos, de morte, enfim, há todo um mundo de valores que penetra realmente esse

universo. Então, a pergunta que eu te faço bem concretamente, é a seguinte: será que não está havendo, no caso da cultura, uma certa defasagem com o trabalho que vocês fizeram em outras áreas, por exemplo análises das ciências sociais, da própria Igreja, a história da Igreja está sendo feita a partir não mais de uma leitura da classe dominante, mas é a partir dos vencidos. Oscar D. tem-se dedicado a pensar a história a partir de um outro lugar social. Então, o que eu pergunto é o seguinte: será que nós estamos pensando a história da cultura a partir de um outro lugar social que é não a cultura do dominante, mas sim a cultura do dominado?

BOFF — Na Teologia da Libertação, há uma vertente que procura pensar a Teologia a partir da cultura popular, especialmente um grupo forte argentino, uruguaio e colombiano. Ocorre que esses querem apresentar esta questão como alternativa à Teologia da Libertação. Eu creio que é injusto isso. Desde que tomarmos a cultura na sua compreensão mais profunda que ela resulta de um jogo de relações econômicas, sociais, políticas e religiosas, e ela é continuamente viva porque é criada a partir dessas forças que estão por detrás da cultura e que a Teologia da Libertação mais analítica, que incorpora uma certa tradição marxista procura ver aí também os conflitos que se dão nessas forças e que permitem entendermos que haja uma cultura dominante e uma cultura dominada, sincretismos culturais, muitas culturas, conforme se dá a diversidade das classes, das forças sociais em conflito. Então, aí há uma reflexão, embora, para mim, seja muito idealista, porque não incorpora conflito. Não se dá conta que a cultura é encobridora de conflitos que caberia desvendar e aí creio que uma certa sociologia do conflito seria útil para completar essa análise. Por outro lado, penso também que ao nível popular e de Igreja, está havendo uma nova valorização da cultura popular, do catolicismo popular. Porque temos o catolicismo oficial, letrado, dogmático, de iniciados e é controlado e produzido pelo clero. Existe um imenso catolicismo popular, que eu pessoalmente acho que é a maior criação da fé cristã na América Latina. Ele se fez em articulação com o catolicismo oficial mas também livre dele, a maneira como o povo vê o Evangelho, o encontro com o Cristo, com a cruz, com os santos, ele mesmo criou as formulações, foi o sujeito da criação do capital simbólico, ele mesmo criou suas festas, controla as festas. Houve sempre inicialmente um desprezo a isso porque se dizia um cristianismo sincrético, não ortodoxo e até herético. Hoje nós percebemos condição de entrarmos dentro desse continente, que ele tem sua verdade, sua ortodoxia, que nem tudo vale, que a forma própria do povo, simbolicamente, captar e encarnar o cristianismo e que nós só podemos entendê-lo com a condição de trocarmos de lugar social, entrarmos dentro daquele continente e entendermos aí como aprendiz dos verdadeiros sacerdotes do catolicismo popular que são os próprios líderes carismáticos do povo. Esse processo está sendo feito com contradições porque é absolutamente novo e aí descobrimos como esse catolicismo popular foi um catolicismo de libertação via resistência, via preservação da identidade de grupos como negros, como os indígenas. A Igreja tem de valorizar isso como obra de Deus dentro do mundo.

FADUL — Eu acho que essa colocação que você faz de uma ala da teologia, eu colocaria entre parênteses a libertação, porque na medida em que você trabalha com categorias abstratas e idealizadas, como no caso de uma cultura argentina, como se fosse possível isso, sem entender as diferenças sociais, as diferenças de classe. Quer dizer, a cultura

lo esvaziamento do partido é a
 cação interativa", nas palavras
 imento dos meios de comunicação
 (decisiva)
 cia na formação das ideias e

“Tem que se estar atento para aproveitar as brechas. Moderar um pouco o discurso para não ser totalmente tolhido e deixar as brechas abertas.”

existe como uma coisa monolítica, ela existe numa sociedade em conflitos, numa sociedade em contradições. O que eu pergunto pra você é o seguinte: será que nós temos que apresentar esta alternativa, a teologia da Libertação, tal como ela é vista a partir desses teólogos que estão comprometidos efetivamente com uma luta do povo pela libertação e esses que, de certa forma, tentam escamotear o conflito. Será que existe alternativa ou, ao contrário, nós teremos que acrescentar a essa teologia preocupada com a libertação, com a emancipação, a dimensão do simbólico, a dimensão de culturas. Ou seja, a cultura, de certa forma, é minimizada, é vista assim como uma necessidade posterior àquelas necessidades básicas que têm que ser satisfeitas imediatamente porque dizem respeito à própria subsistência. Então eu colocaria que há uma hierarquia de necessidades e a cultura é sempre vista a posteriori. A pergunta é a seguinte: será que ela não tem que ser vista conjuntamente ao mesmo tempo que existem necessidades urgentes, econômicas, sociais, políticas, que têm que ser satisfeitas, a questão da cultura tem que estar junto com as outras questões. Se você separa, realmente, introduz uma dicotomia que não existe na prática.

BOFF — Exatamente nessa formulação que eu vejo a questão. Eu penso que o simbólico, o cultural, não é uma derivação da infra-estrutura econômica, nem dos relacionamentos políticos e sociais, mas é uma dimensão estrutural do ser humano, de tal maneira que quando ele produz, ele faz dentro de um código cultural, dentro de uma significação, dentro de uma simbolização, ele ritualiza o comer, ritualiza o trabalho, ele carrega de intencionalidade as relações humanas, a natureza. O sol não só brilha, ele é símbolo de toda uma vida. Então, eu acho que isso é muito vivido a nível de povo, eu penso que há uma insuficiência do marxismo ao ter colocado a cultura como simples sobre-estrutura. Eu penso que as críticas que Paul Ricker faz ao marxismo, principalmente francês, em reconduzir o simbólico como infra-estrutura, porque aparece especificamente humano, é o ser humano que simboliza, coisa que o animal não faz. E isso acompanha todas as manifestações da vida humana. Há extratos, segmentos da Teologia da Libertação que incorporam isso. Eu, pessoalmente, me preocupo com essa realidade. Particularmente, grupos da Teologia da Libertação que trabalham com movimentos populares e indígenas são muitos atentos a isso e vêm amparados por uma teoria mais complexa e crítica face à tradição marxista.

FADUL — Como é que você vê essa questão que está sendo muito colocada no Brasil e em outros países também de uma certa resistência pelos setores progressistas da Igreja, a aceitar práticas populares da

religião, ou seja, você aceita mas não legitima essa religiosidade popular, por exemplo as procissões, as idas às cidades-santuários como é Juazeiro, Aparecida do Norte. Eu sinto uma certa intolerância por essas práticas. Isso não é dito, não é colocado. Seriam manifestações de uma consciência atrasada. Um povo que luta por sua emancipação não poderia ir à Aparecida do Norte porque Aparecida do Norte representa uma outra face do catolicismo, do cristianismo. De certa forma, a gente retoma aquela velha polêmica do padre Cícero, do frei Damião, que a Igreja, de uma forma bastante intolerante ignorou, marginalizou e que o povo aceitou, continua fazendo desses, como o Padre Damião que ainda está vivo e que continua tendo uma penetração muito grande junto ao povo. Como é que você vê essa questão, como é que ela é vista pela Teologia da Libertação?

BOFF — Houve um primeiro momento, logo após o Concílio Vaticano II, 1965, em que houve uma grande purificação das Igrejas em termo de tirar as estátuas, simplificar os ritos, terminar com as festas populares. Após alguns anos, houve uma grande e profunda revisão. Nos damos conta que houve todo um processo iluminista, de sacerdotes que vêm de uma formação burguesa, acadêmica, universitária, que não entenderam o código popular, a partir do lugar do pobre, do próprio povo, mas entenderam a partir do código mais progressistas, universitário, da cultura dominante. E nesse sentido está havendo um imenso processo de reformulação, de auto-crítica dentro da Igreja. Também nos damos conta que fechando o simbólico do povo, em termos das estátuas, dos ritos, nós estamos fechando as janelas da alma do povo. E que aqueles sacerdotes que perderam ainda nessa desconfiança, na verdade atestam a sua falta de articulação e convivência com a alma do povo. É um leitura exteriorista. Quando mais entramos dentro do povo, percebemos que essa religião absolutamente não é alienante, que esses ritos e procissões são os lugares fortes onde eles recarregam a bateria da vida para aguentar a profunda pressão que sofrem, que são lugares de esperança onde eles se sentem filhos de Deus, tem um nome, são respeitados, onde eles mesmos são os donos da festa, produziram a oração e portanto são ativos e não submetidos e atrelados a um esquema clerical. Nesse sentido, eu penso que há uma reflexão séria, de recuperação, de valorização e também um processo do povo mesmo purificar as suas festas a partir de uma evangelização bíblica, dos círculos bíblicos, das comunidades, onde essa matriz popular religiosa é enriquecida com elementos mais críticos no sentido de participação na sociedade, fazer a crítica aos sistemas de dominação e que torna essa religião mais funcional aos anseios libertários e de direitos humanos, de participação do povo, já que a perspectiva antes mais devocional, antes sacralizava, criava um espaço interno de respiração, de libertação, mas sem articulá-lo com o processo maior da caminhada do povo. E nesse sentido há um trabalho de tentar enriquecer essa matriz a partir de dados mais de justiça.

FADUL — Eu perguntaria prá você como é que vocês, teólogos estão vendo, eu diria que um renascimento, na periferia de São Paulo, dos terreiros de candomblé, umbanda, essa coisa toda. O que eu percebo nesses terreiros é que se elimina a questão da vida material. Não é que se elimina, se dá justificativas, os deuses estão aqui e eles explicam tudo. De certa forma, há uma minimização das lutas concretas dessas pessoas, de grupos que vão a esses terreiros e que de repente encontram uma explicação para sua situação no transcendente. Existe alguma relação, por

“O povo sabe escolher seus símbolos quase que por intuição, apesar da pressão do catolicismo oficial para que o povo não crie a própria vida.”

exemplo, entre essa laicização da religião, uma certa transformação do discurso religioso e um discurso terreno, um discurso mais preocupado com a luta do povo e esse crescimento dessas seitas religiosas, eu citei as de origem africana, mas tem outras seitas, Moon e essas coisas, onde, realmente tudo se explica, não a partir de lutas concretas, da terra, mas a partir do transcendente.

BOFF — Eu vejo duas questões aí. Quando a opressão atinge limites insuportáveis e que impedem qualquer luta do povo porque é logo reprimida, a religião se transforma no reduto dos oprimidos, no refúgio dos vencidos. Então é aquele pequeno espaço onde eles podem respirar, resistir, guardar o nome e ter uma fuga para cima, para o transcendente, porque a fuga pros lados, em termos de participação, é negada. Então, a religião, a partir do oprimido, ela significa libertação, embora uma libertação só espiritual, simbólica. O segundo elemento que me parece importante é o risco que o cristianismo controlado pelos teólogos, pelo corpo sacerdotal, ele se transforma numa grande visão do mundo, numa teologia conceitual e perde seu conteúdo simbólico. Finalmente, Deus não é dado como objeto, nós não vemos Deus, só temos acesso a ele mediante símbolos. E no momento em que tiramos os símbolos da religião, nós matamos a religião. Ou ela fica algo para iniciados. Então, essa busca de símbolos revela uma crise dentro do catolicismo, que ele se especializa e formaliza e, por isso, se elitiza, e outras instâncias preenchem esse vazio, uma simbólica muito grande e uma simbólica, às vezes, alienante, sem articular com toda a riqueza da vida. O que a gente percebe nas comunidades de base, nos grupos já militantes é que eles ritualizam a vida, celebram as conquistas, inventam símbolos e são altamente significativos, seja ao nível das comidas, das danças, dos cânticos, ao nível dos símbolos que eles oferecem. Então, o que mostra que a experiência religiosa que se dá na vida consegue encontrar seus condutos de expressão e em símbolos que não são arbitrários, que são muito ligados à vida. Não é qualquer coisa que serve de símbolo mas aquela que é significativa, de uma significação pura, não ambígua. O povo sabe escolher isso quase que por intuição. Eu penso que há um esforço muito grande a nível de Igreja, até com resistência, porque a pressão do catolicismo oficial é muito grande, de permitir que o povo crie, celebre sua vida, popularize a liturgia, liturgifique a própria vida.